

PRÁTICAS LINGUÍSTICAS E HIBRIDAÇÃO DAS LÍNGUAS NAS CIDADES DA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

Linguistic Practices and Hybridization of Languages in Brazil-Bolivia Border Cities

Maria Aparecida SANTOS CAMPOS*
Gerson das Neves Ferreira de MORAIS**
Keila Márcia PEREIRA***

Resumo: O objetivo do estudo é analisar as práticas linguísticas, contribuições e conflitos existentes em função do bilinguismo e sua influência no relacionamento dos alunos do 6.º ao 9.º ano da Escola CAIC, Corumbá-Brasil. Trata-se de um estudo qualitativo descritivo e analítico, com amostra composta por alunos do 6.º ao 9.º ano. Como procedimentos utilizou-se a coleta de dados em sessões de observações durante o recreio. Na escola CAIC as línguas faladas pelos alunos produzem uma hibridação linguística que facilita a condução dos trabalhos pedagógicos.

Palavras-chave: Fronteira; Integração; Bilinguismo; interdisciplinaridade.

Abstract: The objective of the study is to analyze the linguistic practices, contributions and conflicts existing in function of bilingualism and its influence in the relationship of the students from the 6th to the 9th year of the CAIC School, Corumbá-Brazil. This is a qualitative descriptive and analytical study, with a sample composed of students from the 6th to the 9th grade. As procedures were used the data collection in

Introdução

As cidades de Corumbá e Ladário situam-se no extremo oeste de Mato Grosso do Sul, na fronteira Brasil-Bolívia. Dentro do território brasileiro, distanciam-se de 440 quilômetros de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. Porém, mantêm uma distância em torno de cinco quilômetros de Puerto Quijarro e menos de quinze minutos da fronteira Brasil-Bolívia.

As discussões sobre temas fronteiriços são muito polêmicas, pois geram muitas interpretações a luz do pensamento científico. Para Marcos-Marín (2001, p.135), o desenvolvimento da sociedade de informação possibilita

* PHD em Educação, Mestre em Ciências da Educação, Licenciada e Bacharelada Educação Física, Graduada em Magistério e Letras Espanhol. Professora no curso de Doutorado em Educação da Universidade Iberoamericana, FUNIBER-UNINI, membro do grupo de investigação da Universidade de Jaén, Depto. de Didáctica da Expresión Musical, Plástica e corporal. Contato: mariaaparecidasantosecampos@gmail.com

** Formado em LETRAS, pós-graduado em língua portuguesa e Metodologia do Ensino; Mestre em Estudos Fronteiriços pela UFMS – Campus do Pantanal. gersonmoraes@ibest.com.br

*** Formada em LETRAS – UNIGRAN-Dourados. keila.marcia.rusrus@gmail.com

sessions of observations during the recreation. At CAIC, the languages spoken by the students produce a linguistic hybridization that facilitates the conduction of pedagogical works.

Keywords: Frontier; Integration; Bilingualism; Interdisciplinarity.

que os conceitos tradicionais da linguística se cubram de novos conteúdos e que fatos historicamente conhecidos adquiram novas dimensões, com sua carga incógnita, ao mesmo tempo em que se introduzem novos fatores que podem adquirir um peso superior aos analisados habitualmente.

Segundo Polato (2007, p. 232), a língua é um sistema vivo, dinâmico que evolui e se adapta de acordo as necessidades de comunicação dos falantes, durante este processo evolutivo pode ocorrer alterações em relação à norma culta e a gramática normativa, e sofrer interferência dos aspectos socioculturais de uma região. As línguas fronteiriças são faladas por grupos linguísticos oriundos de uma fronteira internacional e podem parecer insignificante, mas exercem um importante papel na comunicação na socialização e integração dos povos fronteiriços.

Para Marcos-Marín (2004, p. 295),

Siempre que dos lenguas están en contacto se producen fenómenos de lo que, científicamente, se conoce como lenguas francas, un término que ha pasado a significar también, mal empleado, lenguas comunes, generales o internacionales.

Assim, aprendizagem e o domínio das línguas dependem do contexto de adaptação das circunstâncias da vida, tais como: dificuldades de aprendizagem, dificuldade de adaptação, o ambiente e suas proporções, a língua materna, o meio social de convivência, uma

segunda língua falada, as imprevisíveis situações do dia a dia, a materialidade das coisas, a parte psicológica, etc. Esse contato produz a possibilidade de refletir sobre a situação no MERCOSUL, onde o espanhol e o português são línguas que ascendem visto que uma delas passa a vigorar como primeira língua e a outra como segunda.

O português e espanhol são **línguas** que tiveram sua origem do latim vulgar, e por serem consideradas línguas irmãs, possuem semelhanças de vocábulos que ao mesmo tempo em que facilita a comunicação, pode dificultar a interação dos falantes. Por outro lado, essa similitude ocasiona uma mescla entre os dois idiomas dando origem a uma forma de falar diferente e inovadora, uma suposta terceira língua falada não oficializada, “o portunhol”.

Ainda segundo Marcos Marin (2001, p.267)

... Espanglish y portuñol son lenguas francas, que sirven para que hablantes que no manejan bien el inglés o el portugués usen una fórmula simplificada, con un fuerte componente español, en los Estados Unidos o en el Brasil (limitándonos a América, porque también hay un portuñol en Portugal). Son hablas de ida, no de vuelta y tampoco son situaciones totalmente simétricas.

Assim as diferentes raças, o convívio e necessidades dos serviços fazem com que a fronteira tenha uma relação que está inserida dentro de um prisma social de visões diferenciadas constituindo uma interface de culturas. Considerando-se que existe uma dualidade na linguagem, ela é ao mesmo tempo, integralmente formal e integralmente atropelada pelos embates subjetivos e sociais, as vivências dependem do meio social em que o indivíduo está inserido.

As fronteiras podem se caracterizar como culturais, sociais, entre gêneros, econômicas e tecnológicas; podem ser divisão, faixa, limite e, paradoxalmente, podem ser oposição e aproximação, coalescência ou até mesmo concrecência; assim, pode ser intersecção, traço que une como podem ser uma marca de limite físico ou simbólico; fixam a identidade, determinam a alteridade.

O conceito de “identidade” é tratado no verbete do dicionário de semiótica (GREIMAS e COURTÉS, 2008, p. 27, 140, 251-252 e 440) como a relação de pressuposição recíproca com o termo oposto “alteridade”, significando, em síntese, a oposição entre “o mesmo” e “o outro”.

De acordo com Bernd (2003, p. 17),

[...] identidade é uma entidade [que] se constrói simbolicamente no próprio processo de sua determinação. A consciência de si toma sua forma na tensão entre o olhar sobre si próprio — visão do espelho, incompleta — e o olhar do outro ou do outro de si mesmo — visão complementar.

Ressalta-se que o uso da prática linguística pode resultar confusa por vários motivos entre os quais se destacam: a falta do domínio das línguas envolvidas (MARIN, 2001, p. 178), o fluxo migratório devido a facilidade de entrada e saída na referida fronteira de ambos países, que contribui para fomentar variações e hibridismos linguísticos praticados nas zonas fronteiriças para atender às necessidades de comunicação entre os povos fronteiriços. Sendo um território exótico, marcado por grandes diferenças e facilidade de aproximação em todos os sentidos, que permite uma situação diferente e de fácil acessibilidade ao mesmo tempo uma diacronia que predispõe ao surgimento da língua franca oportunhol (MARIN, 2001, p.182).

Para Hensey (1965, p. 89), o contato linguístico procura descrever o bilinguismo nas comunidades fronteiriças em especial das urbanas. Ocorre pelo domínio de um dialeto do espanhol padrão – espanhol regional e de um dialeto português na Bolívia. No entanto, para Carvalho (1998, p. 121), a situação das práticas linguísticas nessa zona fronteiriça é na verdade a caracterização de que português é esse que se pratica e como ele se distribui dado a que a mistura dos sistemas linguísticos do português e do espanhol não são aleatórias tal como afirma Elizaincìn, Behares & Barrios (1987, p. 145), mas são condicionadas por fatores extralinguísticos nas zonas mais urbanas, é um dialeto do português brasileiro urbano.

Os dialetos são classificados também como línguas e a dificuldade em definir o “oportunhol” está nos parâmetros que foram sendo constituídos pelo senso comum, tendo a fronteira tem como base. A segunda hipótese é a de que o “oportunhol” é uma “interlíngua”, remete ao processo de aquisição, especialmente do espanhol por parte de falantes brasileiros, e seria uma situação intermediária desse processo no qual os alunos misturam as línguas em nível gramatical e discursivo.

Conforme Raffestin (1963, p. 165), a fronteira é compreendida como zona de contato e limite, ou seja, é uma linha de separação definida que “[...] cristalizada se torna então ideológica, pois justifica territorialmente relações de poder”. O enfoque é sempre do ponto de vista das influências do espanhol/castelhano, dos influxos, dos espanholismos do vocabulário corumbaense e da entonação e pronúncia do dialeto. Ao aplicar essa rede de conceitos semântico-político às línguas do MERCOSUL - o português e o espanhol - podemos inferir que cada uma delas constitui a base para o exercício do poder, delimita a fronteira geográfica, identifica uma comunidade, e acentua a etnicidade do povo que a utiliza. Em função de tais circunstâncias, há de se perguntar: que papel sociopolítico e linguístico terá o “oportunhol” nesse contexto de nacionalidade?

Nesse sentido, o conceito de língua está diretamente relacionado ao de nação, isto é, ambos são referentes às suas respectivas etnias. Várias são as denominações

para esta variante linguística de fronteira, mas, será que o “portunhol” é uma interlíngua?

A verdade dessa pergunta depende da influência de uma língua sobre a outra que depende da doutrina e da utilização adequada.

Sabe-se que o uso efetivo de uma língua é o que a torna viva, quanto menos esta é usada, menor será sua utilidade e finalidade prática, visto que o “portunhol” é usado na fronteira, nos aspectos socioeconômicos e no cotidiano dos habitantes fronteiriços determinando, grau de utilização e de praticidade.

Para Polato (2007, p 141), “As transformações acontecem nas ruas e nos prédios de grandes instituições, na linguagem dos sermões, das palestras, dos discursos de políticos e advogados (com seus vocabulários tão particulares)”. Para a autora, comumente, a linguagem se renova mais rápido do que ortografia, já que esta requer a padronização para ser compreendido por mais gente durante mais tempo. Conforme Bagno (1999, p. 76), submetemos a fala a diversos processos mentais intuitivos e inconscientes, fazendo novas inferências, para o autor a região de fronteira possui uma linguística complexa contrastando com o desenvolvimento no qual convivem línguas e culturas distintas que comprometem todas as áreas desde o social até o econômico.

De acordo com Ribeiro (1995, p. 242) o Brasil nasce e cresce como povo novo, afirmando cada vez mais essa característica em sua configuração histórico-regional. Por outro lado, para o autor, a homogeneidade cultural básica, que ultrapassa desde as singularidades ecológicas regionais, bem como as marcas decorrentes da variedade de matrizes raciais, como as diferenças da proveniência cultural dos distintos contingentes. Para Cavalcanti (1999, p. 98), questões de bilinguismo e de bidialetalismo têm espaço potencial nesse contexto.

De acordo com Herbert de Souza apud Cavalcante (1999, p. 393) são essas comunidades, que constituem a população dentro e fora da escola, e do sistema, gente com cobiça de cidadania e melhores condições de vida e de educação, portanto, há uma multiplicidade de contextos bidialetais nas escolas públicas brasileiras principalmente nas fronteiriças contrariamente ao que são na realidade (ROMAINE, 1995, p. 111).

Igualmente, dentro das escolas de fronteiras, a falta do domínio das regras gramaticais por parte do aluno pode confundir o educador e o próprio educando nas misturas dialetais utilizadas e aplicadas em sala de aula, dificultando processo ensino-aprendizagem e pode enlear o educador no que tange às considerações de “certo” e “errado” ou adequado e inadequado, na forma escrita e oral.

Segundo Marcos-Marin (2001, p. 76),

Educación y demografía van unidas, porque es imprescindible planificar para educar a la población. Las cifras sobre Brasil son impresionantes, con 50 millones de alumnos en la escuela primaria y media. La mayoría de ellos puede verse ante el español como segunda lengua. Este hecho es independiente de la aprobación de la ley de obligatoriedad del español o de que sea una recomendación.

Portanto, o objetivo do estudo é analisar as práticas linguísticas, contribuições e conflitos existentes em função do bilinguismo e sua influência no relacionamento dos alunos do 6º ao 9º ano durante o recreio da Escola CAIC, Corumbá-Brasil.

Metodologia

Considerou-se apropriado a utilização do método qualitativo, específico da pesquisa compreensiva, descritiva e analítica.

Sujeitos: a amostra se compôs de 90 alunos brasileiros e bolivianos do 6.º ao 9.º ano do ensino fundamental da escola CAIC Padre Ernesto do ensino fundamental da cidade de Corumbá. Como critérios de inclusão se estabeleceu ser aluno da escola e estar cursando as series citadas anteriormente. Critérios de exclusão não ser aluno da escola e não estar cursando as series indicadas.

Para a observação e anotação de informações sobre o relacionamento dos alunos e a forma de comunicação utilizada por eles durante um recreio da escola, se efetuou a observação por um período de 90 dias, optando-se por dias alternados sendo duas vezes por semana para propiciar um informe sem vícios, a equipe de observação foi composta pelo autor, professores e coordenadores da escola.

Para a análise de dados optou-se pela análise de conteúdos anotados associada ao quantitativo para dar uma visão geral do contexto, do público envolvido na investigação e de suas condições de participação.

Resultados e Discussão

No período de três meses de observação dos alunos bolivianos e brasileiros durante o recreio da escola CAIC observou-se o uso constante de dois idiomas e de uma mescla entre os dois.

A reflexão se fez sobre os aspectos socioeconômicos dos habitantes fronteiriços da Bolívia, visto que dependem, por vezes, das oportunidades no Brasil para ter uma melhor qualidade de vida. Oportunidades de educação, portanto, dependem

de uma convivência pacífica, harmoniosa entre os povos das diferentes culturas que compõem o contexto fronteiriço.

Conforme Ribeiro (2011, p.53),

...A educação tem papel importante para promover o conhecimento e o respeito entre as diferentes culturas, promovendo a aproximação dos países vizinhos.

De certa forma o boliviano vem ao Brasil buscar oportunidades para melhorar os aspectos econômico, educacional e a qualidade de vida familiar e que suas raízes possam criar relacionamentos sólidos e melhorar a vida daqueles que sofrem pela miséria, falta de espaço, política e socialização.

Verificou-se que, o bilinguismo está presente na região de fronteira do Brasil em quase todos os seguimentos da sociedade, e também nas salas de aulas das escolas das cidades brasileiras que fazem fronteiras com todos os países hispânicos. “A realidade escolar fronteiriça, se mostra muitas vezes conflituosa e, sobretudo, múltipla e problemática” (FLAMENGUI, 2017, p.8).

Observou-se durante as atividades de sala de aula e extraclasse que a língua é o principal instrumento de interação, união e inserção socioeducativa. A escola CAIC é heterogênea e possui em seu corpo discente uma grande diversidade linguística e sociocultural, devido a essa heterogeneidade, percebe-se uma insegurança na hora de se comunicarem pela falta do domínio da norma culta de ambas as línguas.

Nesse sentido, o bilinguismo na região de fronteira passa a ser mais que um aprendizado natural, uma necessidade de aprender uma língua internacional.

O idioma inglês está inserido em todas as grades curriculares das escolas do território nacional e, é naturalmente ensinado, mas o espanhol ainda está sendo admitido pouco a pouco nas grades curriculares, podendo a escola optar por um dos dois idiomas citados e quase sempre é o inglês o escolhido. Assim, o espanhol é aprendido pelo contato direto e pela necessidade de comunicação dos povos na região de Corumbá e cidades limites de Bolívia.

Quando os alunos fronteiriços traduzem uma obra ou parte dela, quase sempre revelam a forma que entendem, traduzem apenas para compreenderem a obra não obedecendo às regras do idioma culto. Para os professores brasileiros, os resultados da mescla entre a língua portuguesa e o espanhol, são uma interferência negativa porque consideram os erros da mistura de línguas prejudiciais ao aprendizado, principalmente no que tange a alguns fatores fonológicos, morfológicos, na construção do léxico e da sintaxe.

Os desvios de linguagem apresentados por alguns alunos nas grafias, na gramática e no vocabulário demonstram a fragilidade dos alunos fronteiriços quando se veem envoltos em situações que dependem de leitura mais dinâmica.

O “portunhol” é considerado como a junção dos dois idiomas português e espanhol, um grupo de variedades linguísticas com características procedentes tanto do português quanto do espanhol, nasceu ao longo do tempo, como uma ferramenta que usam os povos vizinhos de boa lei na região conhecida como de tríplice fronteira (Argentina, Brasil, Paraguai), “língua confluência” (LANGELLIER, 2011, p. 176). Segundo o autor, o portunhol tem inimigos no Brasil que lamentam a “prostituição” de sua língua o temem que seja vítima de um “efeito de sucção” por parte do espanhol. Por isso recomendam desenvolver mais o bilinguismo na escola.

Fanjul (2002, p. 48) destaca o portunhol como interlíngua e, no marco das abordagens comunicativas do ensino de línguas, propõe a necessidade de distinguir entre “comunicar-se” como “fazer-se entendido”, e “comunicar-se adequadamente dentro de cada situação ou tarefa. Para Lara (2004, p. 9) língua é muito interessante, cheia de entraves como diz “... “É comum, porque todos falam e usam na medida de suas necessidades...”. “Por outro lado, é misteriosa, por que a linguagem está cheia de enigmas”.

Para Marcos-Marín (2004, p. 79),

... geograficamente o portunhol é brasileiro, e sua evolução natural deveria ir ao português, mas o fator “hispanización” é tão forte que em ocasiões parece tender ao espanhol, dentro do próprio território brasileiro.

Para Sturza, (2005, p. 121),

A diferença das zonas de fronteira é a extensão e consolidação do fenômeno. No caso uruguaio, ele é reconhecido como uma prática linguística instituída seria como uma “terceira língua”. A segunda hipótese é a de que o portunhol é uma «interlíngua», remete ao processo de aquisição, especialmente do espanhol por parte de falantes brasileiros, e seria uma situação intermediária desse processo no qual os alunos misturam as línguas a nível gramatical e discursivo. É frequentemente utilizado, neste mesmo sentido, pela mídia, na Internet e pelo próprio mercado editorial de livros didáticos da área.

A escola CAIC, e sua equipe pedagógica, trabalha para que o processo ensino-aprendizagem seja instrumentalizado de forma a facilitar o entendimento e a compreensão da mensagem passada. De acordo com Lado (1972, p. 15), “a semelhança e a diferença da língua materna em forma, sentido e distribuição com uma língua estrangeira, tornar-se-ão em facilidade ou dificuldade na aquisição do léxico desta língua estrangeira”.

Aprender uma língua requer o uso de regras, fonemas etc. a falta destes conhecimentos provoca uma decadência impedindo o seu crescimento cultural e uma melhor veiculação dessa língua.

Considerações finais

O “portunhol” é falado de forma informal sem regulamentação gramatical nas escolas pelos alunos, pelos comerciantes da cidade, nas ruas, nos negócios, no dia a dia em regiões de fronteira, se tornando uma língua livre sem burocracias e sem regras.

A escola CAIC, com sua equipe pedagógica, trabalha para que o processo ensino-aprendizagem seja instrumentalizado de forma a facilitar o entendimento e a compreensão da mensagem passada.

Aprender uma língua requer o uso de regras, fonemas etc. a falta destes conhecimentos provoca uma decadência impedindo o seu crescimento cultural e uma melhor veiculação dessa língua.

Observa-se que tanto na escola CAIC como na comunidade corumbaense as línguas, produzem uma hibridação linguística, que pode facilitar a condução dos trabalhos em sala de aula entre professores e alunos no sentido de fomentar o conhecimento e vivência de uma segunda língua.

Ao observar os alunos fronteiriços da Escola CAIC Padre Ernesto na hora do recreio, percebeu-se que eles usam concomitantemente as duas línguas, principalmente pela convivência diária da sala já que grande parte do dia é passada na instituição de ensino. Isso permite vivenciar a língua do outro sem esforço, visto que, por serem línguas mutuamente inteligíveis entre si, por suas raízes latinas, possibilitam certo entendimento sem o conhecimento prévio como não é o caso do idioma inglês.

Referências

- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. Edições Loyola, 1999.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- BRUNO, F. C. *Ensino de Espanhol. Construção da impessoalidade em sala de aula*. Editora Claraluz, 2004. Coleções intervenção.
- CAVALCANTI, M. C. *Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil*. Delta, 15 (especial), 1999.
- COURTÉS, J., & GREIMAS, A. J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- ELIZANCIN, A.; BEHARES, L. & BARRIOS, G. *Nós falemo brasileiro*. Dialectos portugueses en Uruguay. Montevideu: Editorial Amesur, 1987.
- FANJUL, A. P. *Português e Espanhol: Línguas próximas sob o olhar discursivo*. São Paulo: Claraluz, 2002.
- FLAMENGUI, A. H. R. *Multilinguismo e preconceito na fronteira Porã: um estudo sobre atitudes e crenças linguísticas*. 2017.

HENSEY, F. *Considerações metodológicas na análise da influência castelhana no português. Veritas*, 1965, 142-157.

HORTA, Bruno Difillipo. Sociolinguística em sala de aula: visão e postura docente ante as variedades desprestigiadas do português. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 23, jul-dez 2016.

LANGELLIER, J. P. El Portuñol Nació en la Triple Frontera y está de moda. *Periódico Clarín*, Caderno Sociedad. 2011. https://www.clarin.com/sociedad/Portunol-Nacio-Triple-Frontera-moda_0_rJJQBly6vme.html . consultado em 10/08/2017.

LARA, G. M. P. *O que dizem da língua os que ensinam a língua*. Uma análise semiótica do discurso do profano de português. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

MARCOS MARIN, F. A. De lenguas y fronteras: el espanglish y el portuñol. *Nueva Revista de Política, Cultura y Arte*, 74, marzo-abril, 2001.

OLIVEIRA, M. A. M. (Org.). *Guerras e migrações*. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

OLIVEIRA, M. A. M. de. *Os árabes e suas Américas*. Campo Grande: UFMS, 2008. 274 p.

POLATO, A. A Língua e viva. *Revista Nova Escola*, Edição 206, 2007.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Global Editora e Distribuidora Ltda., 2015.

RIBEIRO, M. L. O. *El idioma e la escuela de frontera como factores de inclusión social de niños y adolescentes em Corumbá-MS (BR)*. 70 f. Dissertação de pós-graduação de Programa Strictu Sensu de Estudos Fronteiriços da UFMS, Campus do Pantanal – Corumbá-MS, 2011.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. Editora: Wiley-Blackwell, 1995.

STURZA, E. R. Fronteiras e práticas lingüísticas: um olhar sobre o portunhol. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, RILI, volume I (3) Madri: editorial Vervuert, 151-160. 2004.

STURZA, E. R. Línguas de fronteira: O desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras. *Revista Ciência e Cultura*, vol. 57, n. 02. 2005.

WIEDMANN, L.; & SCARAMUCCI, M. V. (Eds.). *Portuguese for Spanish speakers: teaching and acquisition*. Pontes, 2008.